

Os Intelectuais e o Socialismo*

*F.A. Hayek***

Resumo: Neste artigo, Hayek investiga o “mercado de segunda mão de ideias”, examinando os incentivos existentes e as características dos ofertantes da atividade intelectual. Além de fornecer explicação porque os intelectuais tendem ao socialismo, o autor sugere que intelectuais liberais deveriam emular a busca desses intelectuais por regras desejáveis, diferentes do status quo, para a construção de uma alternativa liberal que cativa os demandantes no mercado das ideias políticas.

Palavras-chave: Socialismo, Liberalismo, Mercado das ideias.

The Intellectuals and Socialism

Abstract: In this article, Hayek investigates the “secondhand dealers on ideas”, examining the existing incentives and characteristics of the proponents of intellectual activity. In addition to providing an explanation why intellectuals tend to socialism, the author suggests that classical liberal intellectuals should emulate the pursuit of these socialist intellectuals for desirable rules, different from the status quo, to construct a liberal alternative that captivates consumers of political ideas.

Keywords: Socialism, Liberalism, Market of ideas

Classificação JEL:B25, A11

* Artigo originalmente publicado em inglês como: *The Intellectuals and Socialism*. The University of Chicago Law Review (Spring 1949), pp. 417-420, 421-423, 425-433. Traduzido do original em inglês para o português por Márcia Xavier de Brito

** **Friedrich August von Hayek** nasceu em Viena, no dia 8 de maio de 1899. Estudou na Universidade de Viena onde estudou Filosofia, Psicologia e Economia, onde também recebeu os títulos de doutor em Direito (1921) e Ciência Política (1923). Em 1974 recebeu o Prêmio Nobel de Economia por sua Teoria da Moeda e flutuações econômicas. Faleceu em 23 de março de 1992, em Freiburg, na Alemanha.

Em todos os países democráticos, e mais ainda nos Estados Unidos do que em qualquer outro lugar, prevalece uma forte crença de que a influência dos intelectuais na política é insignificante. Isso, sem dúvida, é verdade, no que diz respeito acerca da capacidade de os intelectuais tornarem suas opiniões peculiares do momento em decisões de influência, visto que podem fazer oscilar o voto popular sobre questões em que diferem dos pontos de vista atuais das massas. Mesmo assim, por períodos um tanto longos, provavelmente, nunca exerceram uma influência tão grande como o fazem hoje nesses países. Exercitam essa capacidade ao moldar a opinião pública.

À luz da história recente é um tanto curioso que esse poder decisivo de revendedores de segunda mão profissionais nas ideias ainda não seja, de maneira geral, mais reconhecido. O progresso político do mundo ocidental durante os últimos cem anos dá demonstração claríssima. O socialismo nunca e em lugar algum esteve, no início, entre um movimento das classes trabalhadoras. De modo algum isso é uma solução óbvia para o mal manifesto que os interesses dessa classe necessariamente exigirão. É uma construção de teóricos, proveniente de determinadas tendências de pensamento abstrato com os quais, por um longo tempo, somente os intelectuais estavam familiarizados, e requereu grandes esforços dos intelectuais antes que as classes trabalhadoras pudessem ser persuadidas a adotá-lo como programa.

Em cada país que caminhou rumo ao socialismo, a fase de desenvolvimento em que o socialismo se tornou uma influência determinante na política foi precedida durante

muitos anos por um período em que os ideais socialistas regeram o pensamento dos intelectuais mais atuantes. Na Alemanha, esse estágio foi alcançado próximo ao final do século XIX; na Inglaterra e na França, na época da Primeira Guerra Mundial. Para o observador casual poderia parecer que os Estados Unidos alcançaram essa fase após a Segunda Guerra Mundial e que a atração de um sistema econômico planejado e dirigido agora está forte como nunca entre os intelectuais norte-americanos como sempre foi entre os confrades alemães ou ingleses. A experiência sugere que, uma vez que essa fase seja alcançada, é apenas uma questão de tempo até que os pontos de vista ora defendidos pelos intelectuais se tornem uma força diretiva na política.

A marca do processo pelo qual os pontos de vista dos intelectuais influenciam a política de amanhã é, portanto, muito maior do que o interesse acadêmico. Se apenas desejarmos antever ou experimentar influenciar o curso dos acontecimentos, esse é um fator de importância muito maior do que, em geral, se entende. O que parece ao observador contemporâneo como a batalha de interesses conflitantes muitas vezes foi decidida bem antes em um conflito de ideias confinado a pequenos círculos. De modo bastante paradoxal, em geral, somente os partidos de esquerda esforçaram-se para disseminar a crença de que a força numérica dos interesses materiais opostos decidiam as questões políticas, ao passo que, na prática, esses mesmos partidos têm, de maneira regular e sucessiva, agido como se compreendessem a posição-chave dos intelectuais. Seja por planejamento ou pela força das circunstâncias sempre dirigiram os principais

esforços para a obtenção do apoio dessa “elite”, ao passo que grupos mais conservadores agiram, como de praxe, mas sem sucesso, sob uma visão mais ingênua acerca da democracia de massa e tentaram, em vão, alcançar diretamente e persuadir o eleitor individual.

O termo “intelectuais”, entretanto, não transmite de uma só vez o retrato verdadeiro da grande classe à qual nos referimos e por não termos nome melhor para descrever o que chamamos de revendedores de segunda mão no plano das ideias, não é a menor das razões do motivo de o poder deles não ser compreendido. Mesmo as pessoas que usam a palavra “intelectual”, principalmente como um termo injurioso, ainda estão inclinadas a recusá-la a atribuir a muitos que, sem dúvida, desempenham essa função característica.

Não se refere nem ao pensador original, nem ao acadêmico ou especialista em um determinado campo de pensamento. O intelectual típico não precisa possuir conhecimento especial ou nada em particular, nem mesmo precisa ser particularmente inteligente para exercer seu papel como intermediário na disseminação de ideias. O que o qualifica para essa tarefa é o grande espectro de assuntos sobre os quais pode falar ou escrever a respeito e uma postura ou hábitos que o permitam familiarizar-se com novas ideias mais cedo do que aqueles aos quais se dirige.

Até que comecemos a listar todas as profissões e atividades que pertencem à classe é difícil perceber como ela é numerosa, como aumenta constantemente o escopo de atividades na sociedade moderna e como todos nos tornamos dela dependentes. A classe não consiste apenas em jornalistas, professores,

sacerdotes, palestrantes, publicistas, comentaristas de rádio, escritores de ficção, cartunistas e artistas, todos que podem ser mestres na técnica de transmitir ideias, mas que, em geral, são amadores no que diz respeito à essência daquilo que querem transmitir. A classe também inclui muitos profissionais e técnicos, tais como cientistas e doutores, que pelo trato habitual com a palavra escrita se tornam mensageiros de novas ideias fora dos próprios campos e que, por conta do conhecimento especializado dos próprios temas, são ouvidos com respeito na maioria dos outros. Esse é o pouco que o homem comum de hoje aprende sobre os acontecimentos ou ideias, salvo por intermédio de sua classe; e fora de nossos campos especializados de trabalho somos, nesse aspecto, quase todos homens comuns, dependentes de informações e instrução daqueles, cuja função é manter-se a par da opinião. São os intelectuais, nesse sentido, que decidem quais pontos de vista e opiniões nos alcançarão, que fatos são importantes o bastante para nos serem relatados e em que maneira e por qual ângulo têm de nos ser apresentados. Se teremos ou não acesso aos resultados do trabalho do especialista e do pensador original, depende, sobretudo, da decisão deles.

O leigo, talvez, não esteja plenamente cômulo da extensão a que mesmo as reputações populares dos cientistas e acadêmicos são criadas por essa classe e inevitavelmente afetadas por suas visões a respeito de assuntos que pouco têm relação com os méritos efetivos dos feitos verdadeiros desses homens. Isso, em especial, é significativo para nosso problema de que todo acadêmico, pode no-

mear vários casos, no seu campo, de homens que sem merecer alcançaram reputação popular como grandes cientistas apenas porque sustentam o que os intelectuais consideram visões políticas “progressistas”; mas ainda tenho de encontrar uma única instância em que tal reputação pseudocientífica seja conferida a um acadêmico por motivos políticos de inclinações mais conservadoras. Essa criação de reputação por intelectuais é particularmente importante nos campos em que os resultados de estudos especializados não são utilizados por outros especialistas, mas dependem de decisões políticas do público em geral.

De fato, é difícil existir uma ilustração melhor disso que a postura assumida por economistas profissionais para fomentar doutrinas tais como o socialismo ou o protecionismo. É provável que não tenha existido, em tempo algum, uma maioria de economistas que tenha sido reconhecida como tal por seus pares como favorável ao socialismo (ou, nesse caso, ao protecionismo). É possível dizer que nenhum outro grupo similar de estudantes possui uma proporção tão grande de membros decididamente opostos ao socialismo (ou ao protecionismo). Isso é mais significativo, assim como nos últimos tempos é muito provável que não tenha sido um interesse precoce nos esquemas socialistas de reforma que levaram o homem a escolher economia por profissão. Entretanto, não são os pontos de vista predominantes dos especialistas, mas os pontos de vista de uma minoria, em grande parte de posição um tanto duvidosa em suas profissões, que são assumidas e disseminadas pelos intelectuais.

A influência pervasiva dos intelectuais na sociedade contemporânea ainda é mais fortalecida pela crescente importância da “organização”. É um equívoco comum, mas uma crença provável, que o crescimento da organização aumenta a influência do perito ou do especialista. Isso pode ser verdade para o administrador técnico e para o organizador, se existem tais pessoas, mas, dificilmente, para o especialista em qualquer campo de conhecimento determinado. É, sim, a pessoa cujo conhecimento geral se supõe qualificá-la para apreciar o testemunho do especialista e julgar os especialistas de campos diferentes, que tem o poder engrandecido. O ponto importante para nós, contudo, é que o acadêmico que se torna um reitor de universidade, o cientista que assume a direção de um instituto ou de uma fundação, o erudito que se torna editor ou promotor ativo de uma organização que serve à uma determinada causa, todos, rapidamente, deixam de ser acadêmicos ou especialistas e se tornam intelectuais, à luz, apenas, de certas ideias gerais da moda. O número de tais instituições que geram intelectuais e os proliferam em número e poder cresce a cada dia. Quase todos os “especialistas” na mera técnica de amalhar conhecimento são, com relação ao assunto com que lidam, intelectuais e não especialistas.

No sentido em que empregamos o termo, os intelectuais são, de fato, um fenômeno um tanto novo na história. Embora ninguém possa lamentar o fato da educação deixar de ser um privilégio de classes abastadas, e de as classes abastadas não serem as mais bem-educadas e o fato de um grande número de

peças que devem posições somente à educação geral não possuem a experiência de trabalhar com o sistema econômico que é dado pela administração da propriedade, são importantes para compreender o papel do intelectual. O professor Schumpeter, que dedicou um capítulo iluminador na obra *Capitalismo, Socialismo e Democracia* a alguns aspectos de nosso problema, não sem justiça, enfatizou que é a ausência de responsabilidade direta nos assuntos práticos e a consequente ausência de conhecimento de primeira mão que distingue o intelectual típico das outras pessoas que manejam o poder da palavra escrita e falada. Poderia nos levar muito além, todavia, analisar ainda mais a evolução dessa classe e a curiosa pretensão, recentemente apresentada por um de seus teóricos, de que apenas ela seria a única de pontos de vista não diretamente influenciados pelos próprios interesses econômicos. Um dos pontos importantes que teriam de ser analisados em tal debate seria até onde o crescimento dessa classe foi artificialmente estimulado pela lei dos direitos autorais.

A reação do verdadeiro acadêmico, do especialista e do homem de negócios prático que muitas vezes desprezam o intelectual, não se mostram inclinados a reconhecer seu poder e se sentem ressentidos quando percebem isso, não causa surpresa. Individualmente, creem que os intelectuais, em grande parte, são pessoas que não compreendem nada específico particularmente bem e cujo juízo a respeito dos assuntos que compreendem não apresenta sinais de uma sapiência especial. No entanto, seria um erro fatal subestimar o poder que detêm. Muito embora o conheci-

mento dessa classe possa ser, muitas vezes, superficial e a inteligência limitada, isso não muda o fato de ser o julgamento dela que determina, em grande medida, os pontos de vista que a sociedade irá adotar em um futuro não muito distante. Não é exagero dizer que, uma vez que a parte mais ativa dos intelectuais tenha se convertido a um conjunto de crenças, o processo pelo qual essas crenças são aceitas de maneira mais generalizada é quase automático e irresistível. Esses intelectuais são os órgãos que a sociedade moderna desenvolveu para disseminar conhecimento e ideias, e são as convicções e opiniões deles que agem como uma peneira pela qual todas as novas convicções devem passar antes que possam alcançar as massas.

É da natureza do trabalho do intelectual que use o próprio conhecimento e convicções para realizar as tarefas diárias. Ocupa sua posição porque possui, ou tem de lidar, dia após dia, com um conhecimento que seu empregador, em geral, não possui e suas atividades possam, portanto, ser direcionadas por outros apenas até determinado ponto. E, pelo fato de os intelectuais, em grande parte, serem intelectualmente honestos, é inevitável que sigam as próprias convicções sempre que têm critério e que devam oferecer a correspondente censura indireta a tudo que lhes passa pelas mãos. Mesmo em circunstâncias nas quais a direção da política está nas mãos de homens de negócios de visões diferentes, a execução da política, em geral, estará nas mãos de intelectuais e é, com frequência, a decisão a respeito do detalhe que determina o efeito em cadeia. Encontramos isso ilustrado em quase todos os campos da sociedade contemporâ-

nea. Jornais de “capitalistas”, universidades regidas por congregações dirigentes “conservadoras”, sistemas de comunicação de governos conservadores influenciam a opinião pública rumo ao socialismo, porque essa era a convicção do quadro de funcionários. Isso aconteceu, muitas vezes, não só apesar, mas, talvez, por conta das tentativas dos que estavam no topo de controlar a opinião e impor os princípios da ortodoxia.

O efeito dessa filtragem de ideias via a convicção de uma classe que está disposta, por constituição, a determinados pontos de vista não está, de modo algum, restrita às massas. Fora de seu campo especial de conhecimento, o especialista, em geral, depende mais de sua classe e dificilmente deixa de ser influenciado por sua seleção. O resultado é que hoje, em grande parte do mundo ocidental, até os mais ferrenhos opositores do socialismo extraem conhecimento de fontes socialistas na maioria dos assuntos que não possuem informação de primeira mão. Com muitas das concepções mais gerais do pensamento socialista, a conexão com as propostas mais práticas não é, de imediato, algo óbvio; em consequência, esse sistema de pensamento se torna, de fato, um disseminador eficaz de ideias. Quem não conhece um homem prático que em seu próprio campo denuncia o socialismo como uma “asneira pernicioso”, mas quando sai de sua especialidade, faz jorrar socialismo como qualquer outro jornalista de esquerda? Em nenhum outro campo de conhecimento a influência predominante dos intelectuais socialistas foi sentida de maneira mais intensa durante o último século do que no contato entre diferentes civilizações nacionais. Iria

além dos limites deste artigo traçar as causas e importância do fato altamente significativo de que no mundo moderno os intelectuais oferecem quase a única abordagem para uma comunidade internacional. É isso que conta principalmente para o extraordinário espetáculo que para gerações de supostos “capitalistas” o Ocidente deu seu apoio moral e material quase de modo exclusivo aos movimentos ideológicos em países mais ao leste que visavam minar a civilização ocidental. Ao mesmo tempo, a informação que o público ocidental obtinha dos acontecimentos na Europa Central e do Leste era quase inevitavelmente tingida por um viés socialista. Muitas das atividades “educacionais” das forças de ocupação norte-americanas da Alemanha ofereceram exemplos claros e recentes dessa tendência.

Uma compreensão apropriada das razões que tendem a predispor tantos intelectuais na direção do socialismo é, portanto, deveras indispensável. O primeiro ponto aqui, que os que não partilham esse viés têm de encarar com franqueza, é que não são os interesses egoístas, nem as más intenções, mas sim as convicções honestas e as boas intenções que determinam os pontos de vista do intelectual. De fato, é necessário reconhecer que, em geral, é mais provável o intelectual típico de hoje ser socialista quanto mais for guiado pela boa vontade e pela inteligência e que no plano do argumento puramente intelectual ele, geralmente, é capaz de elaborar uma hipótese melhor do que a maioria dos oponentes dentro de sua classe. Se ainda acreditarmos que está errado, devemos admitir ser um erro genuíno que leva pessoas bem-intencionadas e inteligentes que ocupam posições-chave em

nossa sociedade a disseminar ideias que nos parecem uma ameaça à civilização.¹ Nada poderia ser mais importante do que tentar compreender as fontes desse erro para que possamos ser capazes de contraditá-lo. Mesmo assim, aqueles que, em geral, se veem como representantes da ordem existente e que acreditam que compreendem os perigos do socialismo estão muito distantes de tal compreensão. Tendem a ver os intelectuais socialistas como nada mais que um bando pernicioso de radicais eruditos sem apreciar a influência deles e, como resultado dessa postura, tendem a conduzi-los ainda mais a uma oposição à ordem existente.

Caso seja necessário compreender esse viés peculiar de uma grande parte dos intelectuais, temos de ter dois pontos claros. O primeiro é que eles, em geral, julgam todas as questões particulares exclusivamente à luz de certas ideias gerais. O segundo ponto é que os erros característicos de qualquer época derivam, com frequência, de algumas novas verdades genuínas descobertas e são aplicações errôneas de novas generalizações que provaram seu valor em outros campos. A conclusão a que devemos chegar por considerar plenamente esses fatos será que a refutação efetiva de tais erros requererá, com frequência, mais progresso intelectual, muitas vezes, em pontos que são muito abstratos e podem parecer distantes das questões práticas.

É, talvez, o traço mais característico do intelectual julgar as novas ideias não pelos seus méritos específicos, mas pela prontidão com a qual elas se encaixam em suas concepções gerais, na visão de mundo que vê como moderna ou avançada. É pela influência dessas ideias nele e na sua escolha de opiniões sobre questões particulares, que o poder das ideias para o bem e o mal cresce em proporção à generalidade, à abstração e, até mesmo, à imprecisão. Como ele pouco sabe a respeito de questões particulares, seu critério deve ser consistente com os demais pontos de vista que possui e aptos a combinar-se em um quadro coerente do mundo. Mesmo assim, essa seleção de uma multidão de novas ideias que se apresenta a todo o momento, cria o clima de opinião típico, o *Weltanschauung* dominante de um período que será favorável à recepção de algumas opiniões, desfavorável a outras e tornará o intelectual pronto a aceitar uma conclusão e rejeitar outra sem uma compreensão verdadeira dos assuntos.

Em alguns aspectos o intelectual está, de fato, mais próximo do filósofo do que de qualquer especialista e, o filósofo é, em mais de um sentido, uma espécie de príncipe entre os intelectuais. Embora sua influência esteja afastada das questões práticas e, em consequência, é mais lenta e difícil de rastrear que a do intelectual comum, é do mesmo tipo e, no longo prazo, ainda mais poderosa que a dele. É o mesmo empenho em busca da síntese, perseguido de modo mais metódico, o mesmo julgamento de questões particulares, visto que se encaixam no sistema geral de pensamento, em vez de, pelos méritos específicos, o mesmo empenho árduo na busca de uma

¹ Portanto, não era (como sugeriu um resenhista de *O Caminho da Servidão*, o professor J. Schumpeter), “cortesia com o erro”, mas uma profunda convicção da importância disso que me fez, nas palavras do professor Schumpeter, “difícilmente atribuir aos oponentes nada além do erro intelectual”.

visão de mundo consistente, que para ambos, formam a base principal de aceitação ou rejeição das ideias. Por essa razão, o filósofo tem uma influência maior sobre os intelectuais que qualquer outro erudito ou cientista e, mais que qualquer outro, determina o modo pelo qual os intelectuais exercem a função de censura. A influência popular do especialista científico começa a rivalizar com a do filósofo somente quando ele deixa de ser um especialista e começa a filosofar sobre o progresso de seu assunto e depois de ser elevado pelos intelectuais por motivos que pouca relação têm com sua notabilidade científica.

O “clima de opinião” de qualquer período é, portanto, essencialmente um conjunto de preconceções muito geral pelo qual os juízes intelectuais julgam a importância de novos fatos e opiniões. Essas preconceções são, principalmente, aplicações daquilo que lhes parece o aspecto mais significativo dos feitos científicos, uma transferência a outros campos do que lhes impressionaram de modo particular no trabalho dos especialistas. Poderíamos fazer uma longa lista desses modismos intelectuais e palavras-chave que, ao longo de duas ou três gerações dominaram o pensamento dos intelectuais. Se foi uma “abordagem histórica” ou a teoria da evolução, os determinismos do século XIX e a crença na influência predominante do meio ambiente contra a hereditariedade, a teoria da relatividade ou a crença no poder do inconsciente – cada uma dessas concepções gerais foi transformada em pedra angular pela qual as inovações, em campos diferentes, têm sido testadas. É como se quanto menos específica ou menos precisa (ou menos compreendida) dessas ideias são,

maior a influência delas. Às vezes, não é mais que uma impressão vaga, raramente posta em palavras, que, assim, exerce uma profunda influência. Tais crenças, assim como o controle deliberado ou organização consciente também é, nas questões sociais, sempre superior aos resultados dos processos espontâneos que não são dirigidos por uma mente humana, ou que qualquer ordem baseada em um plano feito de antemão deva ser muito melhor que aquele formado pelo equilíbrio de forças opostas, que afetaram profundamente, desse modo, o desenvolvimento político.

O papel dos intelectuais só é diferente onde ocorre o desenvolvimento de ideias sociais mais apropriadas. Aqui, as propensões particulares se manifestam em fazer com que os lemas das abstrações racionalizem e levem a extremos certas ambições que surgem do intercâmbio normal dos homens. Uma vez que a democracia é uma coisa boa, quanto mais o princípio democrático for transmitido, melhor lhes parece. A mais poderosa dessas ideias gerais que moldaram a evolução política nos tempos recentes é, é claro, o ideal da igualdade material. Não é, de maneira peculiar, uma das convicções morais que surgem espontaneamente, aplicada primeiro nas relações entre indivíduos particulares específicos, mas uma construção intelectual originalmente concebida em abstrato e de sentido ou aplicação dúbia em instâncias particulares. Não obstante, agiu poderosamente como um princípio de seleção entre os cursos alternativos das políticas sociais, exercendo uma pressão persistente entre as diferentes opções em direção a um arranjo das questões sociais que ninguém concebe com clareza. Essa medida,

em particular, que tende a acarretar maior igualdade veio a ser tomada como uma recomendação tão forte que pouco mais será considerado. Uma vez que em cada questão específica esse é um aspecto sobre o qual aqueles que guiam a opinião têm uma convicção precisa, a igualdade determinou a mudança social de modo ainda mais potente que tentavam seus defensores.

No entanto, não só os ideais morais agem dessa maneira. Às vezes, as atitudes dos intelectuais para com o problema da ordem social pode ser a consequência de avanços no conhecimento puramente científico e, são nessas instâncias que as visões errôneas em determinados assuntos podem, por um tempo, ter todo o prestígio dos últimos feitos científicos. Não é de surpreender que um avanço verdadeiro do conhecimento possa, dessa maneira, se tornar a fonte de um novo erro. Se nenhuma falsa conclusão se seguir das novas generalizações, elas serão verdades últimas que nunca precisarão de revisão.

Embora, como regra, tais novas generalizações compartilharão as falsas consequências que delas podem ser derivadas com as visões tidas anteriormente e, assim, não levar a um novo erro, é bem provável que uma nova teoria, assim como seu valor, seja apresentada pela nova conclusão válida a que conduz, produzirá outras novas conclusões às quais mais progressos parecerão ser errôneos. Entretanto, em tal instância surgirá uma falsa crença com todo o prestígio de último conhecimento científico para apoiá-la. Ainda que no campo particular a que essa crença se aplique toda a prova científica lhe seja contrária, irá, não obstante, diante do tribunal dos intelectu-

ais e à luz das ideias que governam seu pensamento, ser escolhida como a melhor visão segundo o espírito da época. Os especialistas que alcançarão, assim, a fama pública e grande influência não serão, portanto, os que obtiveram reconhecimento por seus pares, mas, com frequência, são homens vistos por outros especialistas como excêntricos, amadores ou mesmo fraudes, mas que aos olhos do público em geral, mesmo assim, se tornam os expoentes mais conhecidos na matéria.

Em particular, há pouca dúvida de que a maneira pela qual durante os últimos cem anos o homem aprendeu a organizar as forças da natureza contribuiu muito para gerar a crença de que um controle semelhante das forças da sociedade traria melhorias comparáveis nas condições humanas. Isso, com a aplicação das técnicas de engenharia, a direção de todas as formas de atividade humana segundo um plano único coerente deve provar ser tão bem-sucedido na sociedade quanto foi em inúmeras tarefas de engenharia, essa é uma conclusão demasiado plausível para não seduzir a maioria daqueles que se orgulham dos feitos das ciências naturais. De fato, deve-se admitir que isso tanto requer argumentos potentes para opor à forte presunção em favor de tal conclusão, assim como que esses argumentos ainda não foram adequadamente expostos. Não basta ressaltar os defeitos de determinadas propostas com base nesse tipo de raciocínio. O argumento não perderá força até que tenha sido demonstrado de maneira conclusiva por que o que provou ser tão bem-sucedido em produzir avanços em tantos campos deveria ter limites à utilidade e se tornar positivamente prejudicial, caso fosse

estendido além desses limites. Isso é uma tarefa que ainda não foi executada de maneira satisfatória e que terá de ser realizada antes que esse impulso particular em direção ao socialismo possa ser removido.

Isso, claro, é somente uma das muitas instâncias em que um maior avanço intelectual é necessário, caso as ideias prejudiciais atualmente em curso tenham de ser refutadas e onde o curso que devemos trilhar será, no fim das contas, decidido pela discussão de ideias muito abstratas. Não é o suficiente para o homem de negócios estar certo, a partir de seu conhecimento íntimo de um determinado campo, de que as teorias do socialismo derivadas de ideias mais gerais se mostrem impraticáveis. Pode estar perfeitamente certo e, ainda assim, sua resistência será sobrecarregada e todas as consequências lamentáveis que antevê se seguirão, se não obtiver apoio de uma refutação efetiva das *idées mères*. Contudo que o intelectual obtenha o melhor do argumento geral, as objeções mais válidas da questão específica serão postas de lado.

No entanto, essa não é toda a história. As forças que influenciam o recrutamento para as fileiras dos intelectuais operam na mesma direção e ajudam a explicar por que muitos dos mais capazes entre eles tendem ao socialismo. Há, é claro, tantas diferenças de opinião entre os intelectuais quanto existem entre outros grupos; mas parece ser verdade que, em geral, são os homens mais ativos, inteligentes e originais entre os intelectuais que com mais frequência tendem para o socialismo, ao passo que seus oponentes são sempre de calibre inferior. Isso acontece nos estágios iniciais de infiltração das ideias socialistas.

Mais tarde, ainda que fora dos círculos intelectuais, ainda pode ser um ato de coragem professar convicções socialistas, a pressão da opinião entre os intelectuais muitas vezes será tão forte a favor do socialismo que requerá mais força e independência para que o homem resista do que unir-se naquilo que os companheiros veem como os pontos de vista modernos. Ninguém, por exemplo, que esteja familiarizado com um grande número de cursos universitários (e desse ponto de vista a maioria dos professores universitários tem de ser classificada como intelectual em vez de especialistas) pode deixar de lembrar que os professores mais brilhantes e mais bem-sucedidos hoje estão mais entre os socialistas que o contrário; ao passo que os que possuem visões políticas mais conservadoras são, com frequência, medíocres. Isso é, em si, um fator importante que leva as gerações mais jovens a aderir ao socialismo.

O socialista verá isso, é claro, como uma prova de que as pessoas mais inteligentes estão fadadas a se tornarem socialistas. Entretanto, isso está longe de ser a explicação necessária ou mais provável. A principal razão para esse estado de coisas, pode ser, que, para o homem excepcionalmente capaz, que aceita a ordem atual da sociedade, estão abertas uma multidão de outras vias para influenciar e exercer poder, ao passo que para o descontente e insatisfeito, uma carreira intelectual é o caminho mais promissor para influenciar e exercer poder, de modo a contribuir para a realização de seus ideais. Mais ainda que isso: quanto mais o homem de habilidades de primeira classe tender ao conservadorismo, mais irá, em geral, escolher o trabalho intelectual

(e o sacrifício de recompensa material que essa escolha encerra) somente por apreciá-lo pelos próprios méritos. Como consequência, ele tem mais probabilidade de se tornar um acadêmico especialista do que um intelectual no sentido estrito da palavra; ao passo que para os de mentalidade mais radical a busca intelectual é, no mais das vezes, não um meio, mas um fim, uma via para exercer esse tipo de ampla influência que o intelectual profissional exerce. É, portanto, provavelmente o fato, não de que os mais inteligentes em geral sejam socialistas, mas de que uma proporção muito maior de socialistas, entre as melhores mentes, dedica-se às carreiras intelectuais que na sociedade moderna lhes proporciona uma influência decisiva sobre a opinião pública.²

A seleção de pessoal dos intelectuais também está intimamente relacionada ao interesse preponderante que demonstram com ideias gerais e abstratas. Especulações a respeito de uma possível reconstrução total da sociedade dá ao intelectual um incentivo muito maior ao seu gosto que as considerações práticas e de curto prazo daqueles que visam à melhoria de um segmento da ordem existente. Em particular, o pensamento so-

cialista deve seu apelo ao jovem em grande parte pelo caráter visionário; a coragem de permitir-se um pensamento utópico é, nesse aspecto, uma fonte de força para os socialistas que, infelizmente, falta ao liberalismo tradicional. Essa diferença opera a favor do socialismo, não só porque a especulação acerca de princípios gerais oferece uma oportunidade para o jogo da imaginação daqueles que estão sobrecarregados por tanto conhecimento dos fatos da vida presente, mas também porque satisfaz um desejo legítimo de compreender as bases racionais de qualquer ordem social, além de oferecer o escopo para exercitar o impulso construtivo para o qual o liberalismo, após ter obtido grandes vitórias, deixou poucas saídas. O intelectual, pela sua disposição plena, é desinteressado em detalhes técnicos ou dificuldades práticas. Qual não é, para ele, o apelo de visões amplas, compreensões vastas da ordem social como um todo que promete um sistema planejado.

O fato de os gostos do intelectual serem mais satisfeitos pelas especulações de socialistas provou ser fatal à influência da tradição liberal. Uma vez parecerem satisfeitas as exigências básicas dos programas liberais, os pensadores liberais se voltaram a detalhes e a tenderam a negligenciar o desenvolvimento de uma filosofia geral do liberalismo, que, como consequência, deixou de ser uma questão viva a oferecer o escopo para especulações gerais. Assim, por mais de meio século, só os socialistas ofereceram um programa explícito de desenvolvimento social, um retrato de uma sociedade futura à qual pretendiam e um conjunto de princípios gerais para guiar as decisões em questões específicas. Apesar

² Relacionado a isso está outro fenômeno familiar: há poucos motivos para acreditar que a capacidade dos intelectuais de primeira linha para trabalhos originais seja mais rara entre os não judeus do que entre os judeus. No entanto, não há muita dúvida de que os de origem judaica, em quase todo o lugar constituem um grande número dos intelectuais em nosso sentido, ou seja, estão nas fileiras dos intérpretes profissionais das ideias. Esse pode ser um talento especial deles e, por certo, é a maior oportunidade em países em que o preconceito oferece obstáculos a seus caminhos em outros campos. É provável que seja mais porque constituem uma proporção muito grande de intelectuais, mais que por qualquer outra razão, que pareçam mais receptivos às ideias socialistas que as pessoas de outras origens.

disso, se estou correto, os ideais deles sofreram em razão das contradições inerentes e qualquer tentativa de colocá-los em prática deve produzir algo muitíssimo diferente daquilo que esperam, isso não muda o fato de que seu programa de mudança é o único que realmente influenciou o desenvolvimento das instituições sociais. É porque o programa deles se tornou a única filosofia de política social geral e explícita defendida por um grande grupo, o único sistema ou teoria que levanta novos problemas e abre novos horizontes, que foram bem-sucedidos em inspirar a imaginação dos intelectuais.

Os verdadeiros progressos da sociedade durante esse período foram determinados, não por uma batalha de ideais conflitantes, mas pelo contraste entre um estado de coisas existente e o ideal de uma sociedade futura possível, que só os socialistas exibiam ao público. Poucos programas oferecidos apresentavam alternativas verdadeiras. A maioria deles era de meros acordos ou opções entre os tipos mais extremos de socialismo e a ordem existente. Tudo o que era preciso para tornar quase toda proposta socialista parecer razoável para essas mentes “judiciosas”, convencidas de que a verdade sempre deve residir no meio-termo, foi, para alguns, advogar uma proposta mais extrema. Parecia existir somente uma direção em que podíamos nos mover, e a única pergunta pareceu ser com que rapidez e até que ponto o movimento deveria seguir.

O significado do atrativo especial aos intelectuais que o socialismo auferiu de seu caráter especulativo se tornará ainda mais claro se contrastarmos a posição do teórico socialista

com a de sua contraparte, que é o liberal no sentido antigo da palavra. Essa comparação também nos levará a qualquer lição que pudermos tirar de uma apreciação adequada das forças intelectuais que, aos poucos, destroem os fundamentos de uma sociedade livre.

De maneira bastante paradoxal, uma das principais desvantagens que priva o pensador liberal de influência popular está intimamente relacionada com o fato de, até a chegada real do socialismo, ele tinha mais oportunidade de influenciar diretamente as decisões sobre a política atual e, por isso, não estava tentando em especulações de longo prazo, que são a força dos socialistas, mas, na verdade, era desencorajado de fazê-las, pois qualquer esforço nesse sentido provavelmente reduziria o bem imediato que pudesse fazer. Frase sem sentido. É preciso rever o original. Qualquer poder que pudesse ter para influenciar as decisões práticas se devia à posição com os representantes da ordem existente, e ele poria em risco essa posição, caso se dedicasse ao tipo de especulação que atrairia os intelectuais e que, por meio deles pudesse influenciar progressos por períodos mais longos. Para carregar o fardo com os poderes que existem, tinha de ser “prático”, “sensível” e “realista”. Desde que diga respeito aos assuntos imediatos, é recompensado com influência, sucesso material e popularidade com aqueles que, até certo ponto, partilham de sua perspectiva geral. No entanto, esses homens têm pouco respeito pelas especulações sobre os princípios gerais que moldam o clima intelectual. De fato, se ele se permitir a especulações de longo prazo, é possível que adquira a reputação de um ser “doentio” ou mesmo semissocialista, porque

não quer identificar a ordem existente com o sistema livre a que almeja.³

Se, apesar disso, seus esforços continuaram na direção da especulação geral, logo descobre que não é seguro associar-se muito de perto com aqueles que partilham da maioria de suas convicções, e logo é levado ao isolamento. Na verdade, no presente, existem poucas tarefas mais ingratas que a tarefa essencial de desenvolver o fundamento filosófico sobre o qual o progresso supletivo de uma sociedade livre deve se basear. Já que o homem que a realiza deve aceitar muito do arcabouço da ordem existente, parecerá para muitos dos intelectuais de mentalidade mais especulativa apenas como um apologista tímido das coisas como elas são; ao mesmo tempo, será descartado pelos homens de negócios como um teórico nada prático. Não é radical o bastante para aqueles que conhecem somente o mundo em que “com facilidade, habitam os pensamentos” e demasiado radical para aqueles que só veem como “em todo o espaço, junto, as coisas se chocam”. Se ele tira vantagem do apoio que pode obter dos homens de negócio, certamente, quase se desacreditará com aqueles de quem depende para disseminar

suas ideias. Ao mesmo tempo, necessitará, com muita cautela, evitar qualquer coisa que pareça extravagância ou exagero. Visto que nunca se soube de nenhum teórico socialista que tenha se desacreditado com seus camaradas, mesmo que pela mais tola das propostas, o liberal à moda antiga se condena por uma sugestão impraticável. Ainda assim, para os intelectuais, ele não será especulativo ou aventureiro o bastante, e as mudanças e melhorias na estrutura social que têm a oferecer parecerão limitadas em comparação com o que concebem em suas imaginações menos comedidas.

Em uma sociedade em que os principais requisitos da liberdade já foram adquiridos e mais melhorias devem dizer respeito a detalhes pontuais comparativos, o programa liberal pode não ter o *glamour* de uma nova invenção. A avaliação das melhorias que esse programa tem a oferecer requer mais conhecimento do funcionamento da sociedade existente do que possui a média dos intelectuais. A discussão dessas melhorias deve proceder em um nível mais prático do que o dos programas mais revolucionários, e oferece, portanto, um aspecto geral pouco atraente para o intelectual e tendendo a incorporar elementos para os quais se opõe diretamente. Aqueles que estão mais familiarizados com o trabalho da sociedade atual também estão interessados na preservação de características particulares daquela sociedade que podem não ser defensáveis por princípios gerais. Diferente da pessoa que busca uma nova ordem futura e que, de modo natural, busca direção no teórico, os homens que acreditam na ordem existente também pensam, em geral, que a compre-

³O exemplo recente mais notório de condenação de uma obra liberal um tanto não ortodoxa como “socialista” foi dado por alguns comentários referentes ao último livro de Henry Simons, *Policy for a Free Society* (1948). Não precisamos concordar com o conjunto da obra e podemos até considerar algumas das sugestões nela feitas como incompatíveis com a sociedade livre e, ainda assim, reconhecê-la como uma das contribuições mais importantes feitas nos últimos anos ao nosso problema e como o tipo de trabalho necessário para principiar um debate sobre questões fundamentais. Mesmo os que discordam com veemência de algumas das sugestões deveriam saudá-la como uma contribuição que, de modo claro e audaz, faz provocações aos problemas centrais de nossa época.

endem muito melhor que qualquer teórico e, como consequência, estão propensos a rejeitar o que quer que seja pouco familiar e teórico.

A dificuldade em encontrar um apoio genuíno e desinteressado para a construção de uma política em direção ao caminho da liberdade não é algo novo. Em um trecho de um livro recente de minha autoria, lordes Acton disse que, *“os amigos sinceros da liberdade sempre foram raros e seus triunfos se deveram à minoria, que triunfaram por se associarem a auxiliares cujos objetivos diferiam dos seus, o que é sempre perigoso, e, às vezes, desastroso, por dar aos oponentes merecido terreno para oposição [...]”*.⁴ Há pouco tempo, um dos mais célebres economistas norte-americanos vivos disse, em viés semelhante, que a principal tarefa dos que acreditam nos princípios básicos do sistema capitalista é defender esse sistema dos capitalistas, assim como os grandes economistas liberais, de Adam Smith até o presente, sempre defenderam.

O obstáculo mais sério que separa os homens práticos que têm no coração a causa da liberdade decide o curso do progresso pela profunda descrença na especulação teórica e a tendência que têm à ortodoxia. Frase sem sentido. Isso, mais que qualquer outra coisa, cria uma barreira quase intransponível entre eles e os intelectuais dedicados à mesma causa, cuja assistência é indispensável, caso a causa tenha de triunfar. Apesar dessa tendência ser, talvez, natural entre os homens que defendem um sistema por se justificar na prática, e a quem as justificativas intelectuais parecem imateriais, é fatal à sobrevivência, porque isso os exonera do apoio que mais necessitam. A ortodoxia de qualquer espécie, qualquer pretensão a um

sistema de ideias que seja final e deva ser aceito sem questionamentos como um todo, é uma visão que antagoniza todos os intelectuais, quaisquer que sejam seus pontos de vista em questões específicas:

Qualquer sistema que julgue os homens pela soma da conformidade a um conjunto fixo de opiniões, por sua “solidez” ou pela extensão em que podem ser confiáveis para sustentar pontos de vista aprovados em todos os quesitos, é destituído de amparo, e, sem isso, nenhum conjunto de ideias pode manter a influência na sociedade moderna. A capacidade de criticar os pontos de vista aceitos, de explorar novas visões e experimentar novas concepções, proporciona a atmosfera sem a qual o intelectual não respira. Uma causa que não oferece oportunidade para essas peculiaridades não pode ter apoio do intelectual e está, portanto, condenada em qualquer sociedade que, como a nossa, dependa de seus serviços.

Pode ser que a sociedade livre, como a conhecemos, traga em si mesma as forças da própria destruição, que uma vez alcançada a liberdade, esta seja dada por certa e deixe de ser valorizada, e que o crescimento livre das ideias, que é a essência de uma sociedade livre, provoque a destruição dos fundamentos sobre os quais ela repousa. Há pouca dúvida de que, em países como os Estados Unidos, o ideal de liberdade, hoje, tem menos apelo real para os jovens do que nos países onde os jovens aprenderam o que significa sua perda. Por outro lado, há muitos sinais de que na Alemanha e noutros lugares, para os jovens que nunca conheceram uma sociedade livre, a tarefa de construí-la possa se tornar tão estimulante e fascinante quanto qualquer esquema

⁴ Acton, *The History of Freedom*, I. 1922.

socialista, que tenha surgido nos últimos cem anos. É um fato extraordinário, ainda que seja um fato que muitos visitantes presenciaram, que ao falar para estudantes alemães sobre os princípios de uma sociedade liberal, os encontramos uma audiência mais compreensiva e até mesmo mais entusiasmada do que em outras democracias ocidentais. Na Grã-Bretanha também já está surgindo entre os jovens um interesse novo pelos princípios do verdadeiro liberalismo que, certamente, não existia há poucos anos.

Isso quer dizer que a liberdade só é valorada quando perdida, que o mundo deve, em todos os lugares, passar por uma fase negra de totalitarismo socialista antes que as forças da liberdade possam reunir novas forças? Pode ser que sim, mas espero que haja outro caminho. Ainda assim, enquanto as pessoas que, por longos períodos, determinam a opinião pública continuam a ser atraídas por ideais de socialismo, a tendência continuará. A fim de evitar tal progressão, temos de ser capazes de oferecer um novo programa liberal que atraia a imaginação. Devemos tornar a construção de uma nova sociedade, mais uma vez, uma aventura intelectual, um feito de coragem. O que falta é uma utopia liberal, um programa que não pareça nem uma simples defesa das coisas como são, nem um tipo diluído de socialismo, mas um radicalismo liberal que não poupe as suscetibilidades dos poderosos (dentre eles, os sindicatos), que não seja demasiado severo na prática e que não se confine ao que parece hoje politicamente possível. Precisamos de líderes intelectuais que estejam dispostos a trabalhar por um ideal, não importa quão diminutas sejam as possibilidades de uma recente concreti-

zação. Devem ser homens que estejam dispostos a se aferrar a princípios e lutar por eles para que se realizem plenamente, ainda que, em tempos remotos. Os acordos práticos devem ficar a cargo dos políticos. O livre comércio e a liberdade de oportunidade são ideais que ainda estimulam a imaginação de inúmeras pessoas, mas uma simples “liberdade de comércio razoável” ou um simples “abrandamento de controles” não é nem intelectualmente respeitável, nem é provável que suscite qualquer entusiasmo.

A principal lição que o verdadeiro liberal deve aprender do sucesso dos socialistas é que foi a coragem de ser utópico que conquistou o apoio dos intelectuais e, portanto, uma influência na opinião pública que, dia a dia, torna possível o que, apenas em tempos recentes, parecia distante. Aqueles que se preocuparam exclusivamente com o que lhes parecia praticável no estado de opinião existente, sempre descobriram que, mesmo isso, tornou-se politicamente impossível dado o resultado das mudanças na opinião pública que nada fizeram para direcionar, a menos que possamos tornar novamente os fundamentos filosóficos de uma sociedade livre uma vívida questão intelectual e, sua implementação, uma tarefa que desafie a habilidade e a imaginação de nossas mentes mais vigorosas. Entretanto, se voltarmos a recuperar a crença no poder das ideias, que foi a marca do liberalismo no seu melhor momento, a batalha não está perdida. O reavivamento intelectual do liberalismo já está a caminho em muitas partes do mundo. Ocorrerá a tempo? ∞